

Tem extensão na pós-graduação? A experiência do projeto Feira de Trocas como caminho formativo entre a extensão e a pós-graduação

Is there Extension in Postgraduate Studies? The Experience of Project “Feira de Trocas” as a Formative Path Between Extension and Postgraduate Studies

Débora Dias Resende

Universidade Federal de Lavras

deboradiasadm@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0001-7269-0379>

Larissa Lemos Dias

Universidade Federal de Lavras

larissa.dias1@estudante.ufla.br

<https://orcid.org/0009-0001-4794-1161>

Aline da Cunha Miranda

Universidade Federal de Lavras

aline.miranda0410@gmail.com

[https://orcid.org/0009-0008-8951-2286.](https://orcid.org/0009-0008-8951-2286)

Caio Correia dos Santos Quina

Universidade Federal de Lavras

caioquina@gmail.com

[https://orcid.org/0000-0002-4522-1929.](https://orcid.org/0000-0002-4522-1929)

Flávia Naves

Universidade Federal de Lavras

flanaves@ufla.br

<https://orcid.org/0000-0003-2501-8904>

RESUMO: O propósito deste artigo é caracterizar a construção do projeto de extensão Feira de Trocas, discutindo sua contribuição para a formação de pós-graduandos por meio das lentes da decolonialidade do saber, uma vez que a extensão assume o compromisso das universidades junto à sociedade, estando orientada a superar barreiras entre os saberes científicos e populares. Ressaltamos que o projeto começou a partir da iniciativa de pós-graduandos de administração da Universidade Federal de Lavras, em Minas Gerais. Para fundamentar este estudo, o referencial teórico aborda a colonialidade do saber no ensino superior e a extensão universitária, bem como aponta um modo de contestá-la através de outras concepções do saber. A metodologia deste estudo caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, apresentando a autoetnografia como método de pesquisa. Para tratar as informações foi utilizada a análise de narrativa temática. As análises indicam que a participação no projeto provocou rupturas com a lógica produtivista e individualista, favorecendo a cooperação, o diálogo com saberes não hegemônicos e a atuação direta a partir de demandas da comunidade. A extensão, nesse contexto, emerge como prática pedagógica potente,

capaz de ressignificar a formação acadêmica, ampliar a articulação entre teoria e prática e promover uma compreensão crítica do papel da universidade. A institucionalização da Feira de Trocas como projeto de extensão demonstra que experiências desse tipo podem transformar a pós-graduação em um espaço mais plural, comprometido com a justiça social e com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade do saber; Projeto de extensão; Pós-graduação.

ABSTRACT: The purpose of this article is to characterize the construction of the Feira de Trocas extension project, discussing its contribution to the training of graduate students through the lens of decolonization of knowledge, since extension assumes a position of commitment from universities to society, aimed at overcoming barriers between scientific and popular knowledge. We emphasize that the project began as an initiative of graduate students in administration at a federal university in Minas Gerais. To support this study, the theoretical framework addresses the coloniality of knowledge in higher education and university extension. The methodology of this study is qualitative, exploratory and descriptive, using autoethnography as a research method. Thematic narrative analysis was used to process the information. The analyses indicate that participation in the project caused ruptures with the productivist and individualistic logic that predominates in postgraduate studies, by promoting cooperation, dialogue with non-hegemonic knowledge, and direct action in response to community demands. In this context, extension emerges as a powerful pedagogical practice, capable of reframing academic training, broadening the articulation between theory and practice, and promoting a critical understanding of the role of the university. The institutionalization of the Feira de Trocas as an extension project demonstrates that experiences of this type can transform postgraduate studies into a more plural space, committed to social justice and the inseparability among teaching, research, and extension.

KEYWORDS: Coloniality of knowledge; Extension project; Postgraduate studies

Introdução

A formação na pós-graduação no Brasil carrega uma forte hegemonia da pesquisa, em detrimento do ensino (Bispo, 2020) e desses dois pilares em detrimento da extensão (Nunes, 2017). Nesse sentido, existe uma hierarquização das bases que constituem o saber na universidade. Isso faz com que a extensão, em geral, seja pouco valorizada na pós-graduação e na universidade (Nunes, 2017). Enquanto discentes e docente da pós-graduação, acreditamos que a participação em um projeto de extensão, articulado com a pesquisa e o ensino, permite uma formação ativa, colaborando para uma educação mais conectada com as realidades da sociedade.

Como apresentado por Valêncio (2000) a universidade não deve pensar *acerca* da sociedade, mas *junto* à sociedade. Tal afirmação vale também para a pesquisa, que tem se mostrado distante dos problemas e dinâmicas concretas da sociedade (Alcadipani, 2011; Carvalho; Vieira, 2003; Cunliffe, 2020; Sá *et al.*, 2020; Szlechter *et al.*, 2020).

O debate nas universidades sobre a aproximação com a sociedade está a cargo da extensão, o pilar que caracteriza, juntamente com o ensino e a pesquisa, os propósitos das universidades (Nunes, 2017). É importante destacar que a extensão universitária não se limita a uma atividade complementar, mas configura-se como uma política de democratização do conhecimento e de transformação social (Nunes; Silva, 2011).

A extensão desempenha um papel estratégico ao promover a aproximação entre saberes acadêmicos e saberes populares, valorizando as múltiplas formas de conhecimento existentes na sociedade. Ao se consolidar como um espaço de interlocução entre a universidade e os diversos setores sociais, especialmente os mais marginalizados, esta potencializa a construção de uma universidade mais comprometida com a justiça social e com os processos de emancipação coletiva (Nunes; Silva, 2011).

No entanto, a extensão é frequentemente ignorada dentro do âmbito acadêmico (Nunes, 2017). Na pós-graduação, particularmente, a extensão é pouco valorizada, o que contribui para a ideia de transmissão de conhecimento como algo dado e pouco reflexivo, tornando a universidade operacional, sem ação (Chauí, 1999). Isso é problemático inclusive para a pós-graduação, que forma não apenas pesquisadores, mas também educadores e cidadãos.

Esse processo faz parte das disputas que envolvem as universidades marcadas pela colonialidade do saber, ou seja, a racionalidade da ciência hegemônica que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo e de seus saberes específicos (Porto-Gonçalves, 2005).

O fortalecimento do diálogo entre a universidade e a sociedade por meio da extensão (Moita; Andrade, 2009) possibilita a diversificação dos saberes para a construção do conhecimento plural (Moreira; Mafra, 2023; Pimentel; Menezes, 2022). Isso contribui para que a experiência na pós-graduação seja mais significativa e gratificante. Assim, a extensão apresenta-se como uma proposta contrária à lógica colonialista do saber (Gadotti, 2017).

Diante do exposto, esse trabalho objetiva apresentar a construção do projeto de extensão Feira de Trocas, discutindo, pela ótica da colonialidade do saber,

sua contribuição para a formação de pós-graduandos. Destaca-se que o projeto teve seu início, em 2022, como um evento de extensão, a partir da iniciativa de pós-graduandos de administração da Universidade de Lavras. Em seguida, ele se tornou um projeto de extensão, ampliando a participação para graduandos, pós-graduandos, servidores públicos e docentes (vinculados ou não à Universidade), além de possibilitar a participação de pessoas da sociedade civil, não ligadas à comunidade acadêmica.

Para sustentar o objetivo proposto, foi utilizado como método de coleta de informações a autoetnografia (Santos; Biancalana, 2017), a partir de relatos produzidos pelos precursores do projeto Feira de Trocas, sendo quatro pós-graduandos e uma docente.

O trabalho está dividido em cinco tópicos, sendo o primeiro a introdução, seguida das elaborações teóricas sobre colonialidade do saber no ensino superior e extensão universitária. No terceiro tópico apresenta-se o percurso metodológico e no quarto, a análise das informações produzidas. Por fim, no quinto tópico, são expostas as considerações finais, seguidas das referências.

Colonialidade e universidade: em que momento elas se aproximam?

Olhar para as bases estruturais que formaram a sociedade brasileira ajuda a elucidar as regras sociais e de poder que operam as instituições e os sujeitos. O colonialismo, como uma dessas bases, consolidou mecanismos de exploração e subversão de povos pelos colonizadores (Quijano, 2005). Em outros termos, há uma malha mundial de poder que opera um conjunto de relações de dominação e exploração, ordenadas no capitalismo moderno/colonial, que perpetua práticas entre os saberes e modos de vida (Quijano, 2005). Assim, mesmo diante da independência das colônias, padrões postulados pelos colonizadores continuam operando (Quijano, 2005; Mignolo, 2017a, 2017b), por meio da colonialidade. Para Mignolo (2017b, p.13) a colonialidade pode ser entendida como uma “matriz ou padrão colonial de poder”, oculto pela retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade).

A colonialidade estabeleceu uma narrativa única que constituiu a hierarquização de povos, saberes, localidades etc., garantindo a perpetuação das relações de poder impostas pelos conquistadores como verdadeira. Consolidou uma visão dual e global, separando o mundo em categorias binárias e universais, a partir

do padrão eurocêntrico (Dussel, 2005; Maldonado-Torres, 2007). A ideia de raça se torna central nesse processo de classificação que reduz a existência do outro (Quijano, 2005; Segato, 2021).

Por meio da lente da decolonialidade, é possível examinar as relações sociais, culturais, políticas e as subjetividades, principalmente no recorte geopolítico latino-americano (Caciatori; Fagundes, 2018). Quijano (1992) informa que a colonialidade, como matriz de poder, opera em três âmbitos, de forma conjunta: a colonialidade do ser, do saber e do poder. A essas três dimensões podemos acrescentar a colonialidade da natureza (Walsh, 2007) e a colonialidade de gênero (Lugones, 2014).

A colonialidade do saber, que particularmente interessa a esse trabalho, conforme apontado por Porto-Gonçalves (2005, p. 3), se expressa como um “legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias”. Isso significa que a racionalidade matriz, a eurocêntrica, torna-se a via de geração de conhecimento válido sobre os dominados, levando a apropriação, desqualificação e apagamento do imaginário popular e de suas formas próprias de construção de conhecimento (Caciatori; Fagundes, 2018; Lander, 2005).

Nessa perspectiva, a colonialidade do saber opera em condicionar o conhecimento como mecanismo de dominação e poder (Lander, 2005), principalmente por meio da ciência moderna, para subalternizar formas de conhecimentos desviantes do institucionalizado (Grosfoguel, 2007; Lander, 2005).

As universidades, como centros de formação e produção de sabedoria, são espaços de disputa pelo conhecimento, onde ainda prevalece a colonialidade do saber (Amaral; Naves, 2020; Moreira; Mafra, 2023). Almeida-Filho (2024) ao analisar historicamente o papel das universidades, expõe que tais instituições contribuíram para a reprodução do padrão colonial hegemônico nas sociedades contemporâneas. Segundo o autor, “a Educação Superior passa a funcionar como produtora dos saberes que dominam ou que, pelo menos, viabilizam a dominação política e a hegemonia no plano ideológico” (Almeida-Filho, 2024, p. 28).

No caso brasileiro, o surgimento das universidades se deu como uma iniciativa das elites. A ciência moderna, sobre a qual se fundam as universidades, contribuiu para estratificar a sociedade em hierarquias sociais, favorecendo a manutenção de privilégios e a reprodução de um sistema de pensamento racional e tecnicista voltado para a busca do desenvolvimento científico em prol do desenvolvimento

econômico nacional (Barreto; Filgueiras, 2007; Grosfoguel, 2007), negligenciando o potencial emancipatório e crítico dessas instituições (Gonçalves, 2024).

Almeida-Filho (2024) expõe que, no perpassar da história e das reformas, a universidade buscou se distanciar do aparato da colonialidade, reivindicando um papel de precursora na transformação da sociedade. Ainda assim, ela permanece como uma organização reproduutora das dimensões colonial-modernas. Contudo, uma outra vertente comprehende as potencialidades da universidade de enfrentamento da colonialidade e defende que ela atue democraticamente no questionamento das estruturas sociais e hegemônicas que operam na sociedade, como apresentado por Segato (2021, p. 40):

A universidade é o corredor que é preciso atravessar para acessar as posições em que se decide o destino dos recursos da nação. Por isso mesmo, a universidade é o viveiro da elite que administra o setor público e o setor privado. Ao ameaçar democratizar a universidade em termos raciais, estamos ameaçando o próprio coração da colonialidade, como padrão que garante a reprodução da ordem eurocêntrica e seu olhar racista sobre corpos e os saberes.

No Brasil, somente na primeira metade do século XX a universidade é colocaada como instituição democrática e popular. Sua abertura para o compromisso social é vista tardiamente entre os anos de 1950 a 1960, a partir da influência dos movimentos sociais (Gadotti, 2017).

Há uma intensa disputa sobre as universidades que desempenham papéis muitas vezes contraditórios. Por um lado, reproduzem a colonialidade do saber, e se mantém afastadas de demandas sociais e políticas, com acesso limitado para grupos subalternizados; e, por outro, constituem-se como espaços de construção de saberes e identidades, de formação crítica e humana (Moreira; Mafra, 2023).

É nesse espaço contraditório que a extensão tem se construído como uma atividade essencial na consolidação da universidade. Com isso, na seção seguinte, aprofunda-se a discussão sobre a extensão como alternativa de decolonização do saber na pós-graduação.

Discutindo o tripé acadêmico: a extensão como alternativa de decolonização do saber na pós-graduação

A Constituição Federal de 1988 trata, no artigo 207, da autonomia das universidades: “as universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão [...]” (Brasil, 1988, art. 207). Destaca-se aqui a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que representa a forma pela qual a universidade se concretiza (Sleutjes, 1999). Considerando esse princípio como diretriz fundamental, ressaltamos a importância de promover ações, projetos, pesquisas e reflexões que dialoguem de maneira integrada com os três pilares.

O ensino refere-se às formas e às estratégias para a realização da instrução, o meio em que ocorre o processo educacional (Assis; Bonifácio, 2011). A pesquisa é associada à materialidade do saber e apresenta como objetivo final a busca por respostas de problemas sociais, sendo fomentada, na maioria das vezes, por órgãos de pesquisa próprios. Nesse sentido, tende a assumir um papel de protagonismo na educação superior, em especial na pós-graduação (Bispo, 2020; Moita; Andrade, 2009).

De acordo com Separovic e Passarin (2017) é importante que a pesquisa, de forma crítica e consciente, seja articulada com os demais pilares para de fato se aproximar das problemáticas sociais. A definição do pilar extensão foi brevemente desenvolvida como “[...] um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (Política Nacional de Extensão Universitária, 2012, p. 28).

Ao traçar um histórico sobre o pilar extensão, Gadotti (2017) afirma que o debate acerca desse se inicia em meados da década de 60, enquanto a discussão sobre a obrigatoriedade da curricularização aconteceu com o Plano Nacional da Educação (PNE), de 2001 a 2010. Foi nesse plano que se definiu a obrigatoriedade de no mínimo 10% do total de créditos curriculares exigidos na graduação serem adquiridos em programas e projetos de extensão universitária. Apesar do destaque nos debates acadêmicos nas universidades, a extensão, mesmo com a obrigatoriedade para os cursos de graduação, ainda é relegada a segundo plano, sendo caracterizada como um pilar esvaziado (Jimenez *et al.*, 2023).

Embora a extensão não seja obrigatória nos cursos de pós-graduação, destaca-se que, em maio de 2025, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) apresentou novas diretrizes de Avaliação Quadrienal (2025 a 2028), detalhadas no documento referencial e na portaria nº109/2025, em que a demonstração dos impactos da pós-graduação para a sociedade foi apontada como um dos principais interesses. A CAPES intensificou aos PPGs as exigências de relatarem como estão sendo trabalhadas, ampliadas e aprofundadas as interações da comunidade acadêmica-científica com a sociedade (CAPES, 2025), sendo mais uma tentativa de proporcionar mudanças futuras em relação à importância e efetividade da extensão no âmbito universitário.

A extensão universitária traz a proposta de aproximação e troca de saberes entre professores, alunos e comunidade, permitindo, assim, o fortalecimento da relação e do diálogo entre a universidade e a sociedade, de modo a tornar a instituição mais participativa na construção da realidade social (Moita; Andrade, 2009). Com base nisso, a extensão surge como uma possibilidade para o fomento de outros saberes nas instituições de ensino, buscando transformar e questionar o *status quo* que vigora e podendo constituir-se como uma frente de enfrentamento à colonialidade do saber (Moreira; Mafra, 2023; Pimentel; Menezes, 2022). Santos (2004, p. 53-54) chama atenção para a centralidade da extensão:

No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no *curriculum* e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.

Tendo isso em vista, na proposta de curricularização da extensão há uma expectativa de rompimento com a colonialidade do saber, ao introduzir outros saberes, práticas e experiências de forma dialógica com anseios e problemáticas da sociedade. Conforme destaca Gadotti (2017, p. 10), “a extensão aproxima o aluno das demandas da sociedade, fortalecendo sua formação cidadã”.

Nessa mesma direção, Mayorga (2021) ressalta que a integralização da extensão não deve ser reduzida a uma exigência burocrática, mas compreendida como uma oportunidade de fortalecimento da função social e democrática da universidade. Trata-se de reconhecer que existem saberes e práticas produzidas

além do espaço acadêmico que, em uma relação dialógica, podem contribuir para a formação ética, cidadã e emancipatória dos estudantes, reafirmando o compromisso público da universidade.

A obrigatoriedade da extensão, vinculada à formação dos graduandos, tem se mostrado um desafio para as universidades, ainda que seja um passo importante. Conforme o catálogo do I Encontro Nacional sobre a Extensão na Pós-graduação e Assessoria Técnica para a Produção do *Habitat* mais Saudável, Resiliente Solidário no Campo e na Cidade (2023, p. 232), quando se trata de pós-graduação, a extensão universitária:

[...] ainda é marginal ao currículo e à universidade como um todo, prevalecendo a valorização do produtivismo acadêmico, deixando a potencialidade cogeradora de conhecimentos da Extensão, bem como a transformação da universidade e sua territorialização, a cargo de pessoas resistentes ao sistema hegemônico.

Se a formação profissional (graduação) deve considerar a aproximação com a comunidade e a sociedade, não deveria haver a mesma preocupação em relação à pós-graduação? Alertas sobre a necessidade de pensar a pesquisa – cujo o principal *locus*, no Brasil, é a pós-graduação – têm se intensificado. A pesquisa tem se concentrado mais em resultados, medidos pelo número de publicações, do que nas implicações de tais estudos, ignorando problemas sociais concretos sobre os quais eles versam ou tangenciam (Cunliffe, 2020; Sá *et al.*, 2020; Szlechter *et al.*, 2020). A essência da produção do conhecimento tem sido destruída pelo produtivismo, pelas imposições e pelas métricas, de tal forma que a produção acadêmica se tornou um fim em si mesma (Alcadipani, 2011; Carvalho; Vieira, 2003).

Hoje, as atividades de extensão realizadas por candidatos à pós-graduação não são valorizadas nos processos seletivos. A título de ilustração, apresenta-se a distribuição de pontos referente ao currículo Lattes no processo de seleção, tanto para o mestrado quanto para o doutorado em administração, de cinco importantes instituições de Minas Gerais: Pontifícia Universidade Católica (PUC), Universidade Federal de Lavras (UFLA), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Universidade Federal de Viçosa (UFV). Justifica-se a seleção desse curso, uma vez que o projeto de extensão Feira de Trocas é vinculado ao Departamento de Administração, além disso, a maioria de seus membros fazem parte do programa de pós-graduação em

administração. No quadro abaixo, é possível visualizar como as atividades referentes à pesquisa são melhor pontuadas do que as referentes à extensão:

Quadro 1 – Critérios de Pontuação Planilha Lattes

Programas	PUC	UFLA	UFMG	UFU	UFV
Periódico A1	20	20	30% da nota	5	30
Periódico B3/B4	2	3/2	30% da nota	5	3/1
Congresso C1	–	11	30% da nota	2	3
Congresso C3	–	2	30% da nota	2	2
Participação em projeto de extensão	5	1	10% da nota	0,5	1

Fonte: Elaboração dos autores (2024) a partir dos sites dos programas.

Acreditamos que um caminho possível para contrapor o apelo produtivista presente nas universidades – fomentados pelos contratos de gestão e índices de produtividade (Chauí, 1999) – ocorreria por meio do fortalecimento da extensão na pós-graduação. Assim, a extensão possibilitaria enfrentar a hegemonia capitalista e a colonialidade do saber, que se manifesta sobretudo numa formação carente de reflexividade crítica e no distanciamento das demandas concretas da sociedade.

Procedimentos metodológicos

Esse artigo se caracteriza pela pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. O método adotado foi a autoetnografia, que reconhece a experiência pessoal dos pesquisadores como fonte legítima de conhecimento. Trata-se de um espaço discursivo que ilumina dimensões subjetivas (sentimentos, percepções, vivências) por meio de descrição e análise sistemática que levam a compreensão de um contexto maior (Santos; Biancalana, 2017).

A coleta de informações realizou-se a partir de um convite direcionado aos precursores do projeto de extensão – quatro estudantes de pós-graduação e uma docente – para relatarem sua participação, suas vivências e aprendizados no projeto Feira de Trocas. Ressalta-se que um dos autores deste trabalho é um dos informantes – situação comum em uma autoetnografia (Santos; Biancalana, 2017).

Os informantes receberam apenas uma orientação: contar sua trajetória no projeto, destacando os aspectos mais importantes de suas experiências, aprendizados e desafios. Quatro deles produziram e enviaram áudios com suas respostas, e um dos informantes, por razões pessoais, solicitou um encontro *online* com uma das autoras, que apresentou a ele as mesmas orientações e gravou a narrativa em áudio. Foram realizadas transcrições para análise.

Com a finalidade de caracterizar os participantes da pesquisa, elaborou-se o quadro 2, sendo apresentados os nomes fictícios (para resguardar os informantes), o vínculo com a instituição de execução do projeto, o nível da pós-graduação na época de participação, e a situação atual desse participante no projeto.

Quadro 2 – Caracterização dos Participantes

Nome fictício	Vínculo com a instituição Pública	Nível da Pós- Graduação cursada na época de participação	Situação atual no Projeto
Paul	Discente	Doutorado em Administração	Ativo (Desde 2/2022)
Ana Carolina	Discente	Doutorado em Administração	Inativo (2/2022 a 12/2023)
Nancy	Discente	Doutorado em Administração	Inativo (2/2022 a 11/2023)
Genauto	Discente	Doutorado em Administração	Inativo (2/2022 a 5/2024)
Marilena	Docente	–	Ativo (Desde 2/2022)

Fonte: Elaboração dos autores (2024).

Para analisar as informações coletadas, optou-se pela análise de narrativa, por reconhecer que, através da narrativa vinculada à experiência, “o ato de lembrar mobiliza bem mais do que os fatos vividos” (Pereira; Eugênio, 2019, p. 33). O tipo de análise de narrativa usada foi a temática, buscando identificar a experiência dos participantes no projeto, sendo esse o tema norteador da narrativa (Zaccarelli; Godoy, 2013, p. 28).

As narrativas individuais foram lidas e analisadas separadamente numa primeira etapa e, num segundo momento, em conjunto, permitindo reconstituir a construção do projeto de extensão que foi interpretado à luz da perspectiva da decolonialidade do saber.

Resultados e discussões

O projeto Feira de Trocas iniciou-se em 2022 como um evento de extensão, organizado por discentes do programa de pós-graduação de administração da Universidade Federal de Lavras. A proposta surgiu do doutorando Paul, que tinha experiência em projetos relacionados a economia solidária, cooperativismo, clubes de trocas, e também na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP. Ao cursar a disciplina da pós-graduação “Aproximações Teóricas sobre Colonialidade e Decolonialidade”, que dentre os critérios de avaliação permite que o estudante desenvolva e construa uma atividade que dialogue com o debate decolonial, Paul propôs a realização de um clube de trocas.

Com o apoio de colegas da disciplina, realizou-se um processo de reflexão sobre as possibilidades de decolonização de um clube de trocas. Importante destacar que os colegas que realizaram a disciplina com Paul resolveram se engajar na proposta, deixando de lado suas ideias iniciais que consistiam em trabalhos individuais, para uma entrega de trabalho coletivo para a disciplina:

[...] todo mundo fez junto este projeto, porque era um projeto grande, então todo mundo abdicaria da sua ideia inicial, para engajar neste projeto da Feira de Trocas [...] que envolveria não só a comunidade acadêmica ali da instituição, mas também a comunidade externa. (Nancy).

O projeto envolvia riscos e incertezas, já que a maioria do grupo não havia participado de nada semelhante. Mas fazer uma atividade conjunta que alinhasse a produção na pós-graduação com a extensão motivou os estudantes. Nesse sentido, o projeto surgiu a partir do rompimento de uma lógica produtivista e individualista, cuja característica se alinha à colonialidade do saber (Caciatori; Fagundes, 2018). A motivação de Paul para implementar um clube de trocas está relacionada com o seu processo de formação e as experiências vivenciadas em sua trajetória acadêmica:

Eu tenho uma criação, uma formação, muito extensionista. Eu vim de um curso que é a Administração Pública, eu fiz parte de uns cinco projetos de extensão diferentes, com muito contato com a comunidade, sempre conversando, correndo atrás, até porque eu dependia disso, porque eu era bolsista, eu sempre fui bolsista de extensão [...] sempre senti essa necessidade que a universidade tem que parar de conversar com ela mesma e fazer alguma coisa em prol da sociedade, então dentro do ensino, pesquisa e extensão, o meu ramo sempre foi na extensão, sempre gostei. (Paul).

A partir do relato de Paul, é possível compreender que as experiências de extensão na trajetória acadêmica contribuem para a visão crítica sobre a universidade e a pós-graduação. As vivências que os estudantes carregam podem guiar propostas de construção que ampliam os espaços formativos e participativos no mestrado e doutorado, rompendo com a colonialidade do saber e com a hegemonia da pesquisa.

Entretanto, apesar de Paul possuir uma formação com forte orientação extensionista, essa realidade não é comum para todos os alunos, especialmente na pós-graduação. Nesse nível, a formação tende a estar muito mais articulada à pesquisa e à produção de conhecimento científico do que às atividades de extensão.

Destaca-se entre os desafios vivenciados no momento de implementação da Feira, a dificuldade de compreender a proposta pelos estudantes da pós-graduação na primeira edição do evento. Na percepção de Marilena, docente responsável pelo projeto, havia, no início, um sentimento de que a execução da Feira não daria certo. O sentimento de Marilena pode estar ligado ao estranhamento da ação, visto que se difere de práticas comuns à academia, orientada pela colonialidade do saber (Grosfoguel, 2007; Mignolo, 2017b).

Constata-se, assim, a dificuldade dos pós-graduandos em articular o potencial extensionista ao pilar da pesquisa, o que acaba resultando na baixa adesão desse público como parte da equipe do projeto e como participante das Feiras. A relação com a colonialidade do poder manifesta-se exatamente nessa dificuldade, marcada pela tendência de priorizar a pesquisa de forma isolada, ainda entendida como a atividade de maior prestígio no meio acadêmico.

É nesse sentido que a percepção sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão ainda é um desafio, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Por isso, promover a integralização entre os pilares “requer uma mudança de mentalidade cujo enraizamento consolidado ao longo de décadas num modelo formativo fragmentado insiste em confirmar o *modus operandi* instituído” (Silveira; Ferreira, 2024, p. 21). Ao desafio de mudança de mentalidade, soma-se o baixo aporte financeiro, como a concessão de bolsas, suporte operacional e de infraestrutura dedicados às atividades de extensão, que ainda precisam ser melhor estruturadas em todos os níveis.

No âmbito da presente pesquisa, isso tem reflexo na percepção de Marilena, que comprehende que o maior obstáculo enfrentado no projeto, até então, é a falta de suporte da instituição de ensino em relação ao espaço, disponibilização de recursos materiais, financeiros e equipamentos para a realização da Feira. Sabe-se

que, no geral, os recursos para as universidades públicas são escassos, mas este fator impacta ainda mais nos projetos extensionistas, uma vez que estes são colocados como secundários nas universidades (Moita; Andrade, 2009; Pimentel; Menezes, 2022).

Para além da reflexão sobre a extensão na pós-graduação, o desafio de pensar o Clube de Trocas de uma perspectiva decolonial levou o projeto, conforme a percepção dos próprios participantes, para rumos particulares. Além de contemplar os mesmos objetivos do Clube de Trocas, ou seja, realizar trocas de produtos e serviços, incentivando o consumo sustentável e o fortalecimento da economia solidária, o projeto também visou construir laços entre a comunidade local e a acadêmica, desenvolver parcerias com grupos sociais, proporcionar debates e trocas de experiências de vida, por meio de rodas de conversas, para tratar de assuntos de interesse coletivo, bem como promover atividades culturais.

A ideia era discutir todas as possibilidades de trocas que poderiam surgir quando se pensa nas relações entre universidade e comunidade. Daí a substituição do nome “Clube de Trocas” (que remete a algo fechado, restrito) por “Feira de Trocas” (que lembra um espaço mais participativo e aberto ao público). Ressalta-se ainda, de acordo com a participante do projeto, Ana Carolina, que desde os primórdios da Feira de Trocas, esta fundamenta-se nos princípios de cooperação, solidariedade, autogestão, democracia, diálogo, respeito e diversidade.

Estes princípios, no âmbito da universidade e da pós-graduação, se opõem à colonialidade do saber, introduzindo de forma dialógica outros saberes, práticas e experiências, e visando contribuir para o enfrentamento dos problemas sociais (Gadotti, 2017).

O primeiro evento da Feira de Trocas aconteceu no dia 1 de dezembro de 2022, no Centro de Cultura (que se tornou parceiro do evento), localizado na universidade, com o tema “Culturas, Raças e Gênero”. Na oportunidade, foi realizada uma roda de conversa com uma convidada voluntária de uma associação local, ligada à comunidade quilombola residente na cidade. O evento também contou com a participação de uma estudante estrangeira que atuava no Centro de Idiomas da universidade para compartilhar sua experiência como mulher negra viajando por diferentes países e culturas. O tema da roda de conversa foi discutido em conjunto, assim como a escolha das participantes, do local e toda a construção da Feira. Em paralelo às trocas de produtos e serviços, foram realizadas apresentações musicais por um pós-graduando e, no final, uma aula livre de forró com um professor

da cidade. A população local tem pouco acesso a programas culturais, por isso o grupo decidiu incluir tais atividades na Feira.

Vale destacar que tanto pós-graduandos como docentes atuaram formalmente e na prática como coordenadores do evento, demarcando uma forma de gestão horizontalizada, com foco na colaboração. A questão da autogestão é detalhada na fala de Ana Carolina, demonstrando que desde a concepção da Feira esse é um dos pilares que fundamentam o projeto, mas que existem complexidades ao adotá-lo.

Durante a organização, pautaram-se ideias de como seria a Feira, as temáticas que iam ter, a gente fez algumas reuniões, nós conversamos sobre ser uma autogestão da equipe, de não ter um líder, alguém que faz isso, faz aquilo, mas de ser autogerido, uma organização horizontal. Eu percebo que em algum momento teve alguns atravessamentos nesse sentido, alguns membros são um pouco mais desesperados, num ritmo diferente que outros, querendo às vezes ir um pouco mais rápido, fazer isso, fazer aquilo, mas a gente sempre tentava retomar essa ideia de autogestão para manter a calma e confiar nas pessoas que estão ali dispostas e se comprometeram a fazer tais coisas. Então em alguns momentos a gente teve essa conversa, lembrando que era uma autogestão, que não precisava ficar desesperada. É claro que a gente sempre fica preocupada com o evento, mas não querer orientar o que o outro iria fazer, foi uma dificuldade até porque a gente não é acostumado com isso, com autogestão. Sempre existem hierarquias, alguém que aponta o que fazer, quando fazer, então foi uma experiência [...] muito interessante também nisso de confiar no outro, porque cada um pegou o que sentia mais confortável [...] foi uma experiência muito legal de confiar em cada um, porque cada um ia seguir aquilo que se propôs em fazer. (Ana Carolina).

O evento contou com a participação de diversas pessoas, entre elas, estudantes e professores de variados cursos, moradores locais, aposentados, adolescentes, proprietários de brechós, entre outros. Estima-se que aproximadamente oitenta pessoas tenham comparecido. Ana Carolina narra um acontecimento da primeira Feira, que marca a importância de se promover espaços dialógicos entre a comunidade acadêmica e a externa:

Quando a primeira convidada falou sobre a associação sociocultural, do trabalho que a associação faz lá, que ela falou da religião, da Umbanda, que é contra-hegemônica da colonização, que o quilombo é essa resistência da cultura das matrizes africanas. Onde fica a associação sócio-cultural, onde fica o terreiro, é um espaço considerado um quilombo urbano, e esse terreiro é resistência. Portanto, falar da resistência dessas culturas é falar de uma resistência decolonial, então foi muito bacana a convidada falando, e mais bacana ainda foi ver após

a apresentação dela, uma senhora perguntou pra ela sobre a religião. Eu vi ela perguntando, e por um momento eu fiquei com receio se aquela senhora vendendo ela falando sobre a Umbanda e tal, se ela ia ficar incomodada com aquilo, e eu fiquei observando ela falar com a convidada ao final da apresentação. E na verdade, ela ficou interessada, foi perguntar para ela onde que era, que ela achou bacana e tal, querendo saber mais. E eu fiquei muito feliz em ver essa comunicação entre as pessoas que foram apresentar algo que existe na comunidade, no entorno da universidade, que as pessoas às vezes não sabem, e juntar outras pessoas de outra parte da cidade que também não sabem. Então, a Feira foi esse espaço de comunicar coisas que acontecem na cidade pras pessoas da cidade, sendo elas universitárias ou não. (Ana Carolina).

O relato de Ana Carolina aponta o potencial da extensão em propiciar diálogos entre universidade e comunidade, que se concretizam a partir do compartilhamento de saberes e experiências não hegemônicas (Moita; Andrade, 2009). Com o final da Feira, os organizadores se depararam com uma situação inesperada: várias pessoas deixaram para trás itens que não foram trocados. O grupo discutiu e, partindo da lógica do projeto, se organizou para separar os itens e direcionar aqueles que estivessem em boas condições de uso para uma organização social que pudesse utilizá-los. Esse foi um aprendizado coletivo que foi incorporado ao projeto. Ademais, a avaliação final do evento foi positiva, como relatam Nancy e Marilena:

Foi tão bom, foi tão prazeroso, deu tão certo, a comunidade externa ficou muito feliz, as pessoas vinham falar para gente que a ideia era muito legal, a comunidade se sentiu envolvida com a universidade, se sentiu empoderada de participar, de fazer a diferença. Enfim a comunidade se sentiu vista. (Nancy)

A Feira de 2022 foi um sucesso [...] eles [os estudantes que realizaram a primeira Feira] ficaram muitos surpresos com os resultados alcançados, com a mobilização das pessoas, com os ganhos pessoais, individuais e coletivos que eles tiveram, apesar de muito trabalho, porque deu muito trabalho [...]. Foi bastante gente participando daquela Feira, na verdade, não parava de chegar gente, foi muito legal isso [...] e na nossa avaliação foi uma experiência muito positiva e com grande potencial. (Marilena)

A surpresa e a alegria de Nancy e Marilena decorrem do descrédito do grupo quanto ao interesse das pessoas pelo evento, o que, por sua vez, deriva do fato de que a aproximação com a comunidade era uma experiência inédita para a maioria

dos organizadores. Tais avaliações se repetiram quando, como parte da proposta, os participantes compartilharam suas impressões sobre a Feira, logo após o evento.

Segundo Paul, a professora responsável pela disciplina propôs aos alunos envolvidos na construção do evento que a Feira de Trocas se tornasse um projeto institucional de extensão. Em abril de 2023, o projeto de extensão intitulado como Feira de Trocas foi registrado, vinculado ao núcleo de pesquisa presente no Departamento de Administração e Economia da universidade, no qual a docente envolvida no projeto é coordenadora.

O projeto de extensão também foi construído em conjunto por cinco de seus oito membros originais, a maioria estudantes da pós-graduação. Marilena e Genauto relatam que este é um aspecto interessante da Feira de Trocas, pois ela se inicia na pós-graduação e depois se amplia para a graduação e demais membros da comunidade acadêmica. Geralmente, os projetos de extensão existentes na universidade se limitam ao âmbito da graduação (Gadotti, 2017).

Com a institucionalização do projeto, decidiu-se convidar outras pessoas da comunidade acadêmica a participarem, por meio de edital e processo seletivo. Com isso, em 2023, doze pessoas participaram (cinco graduandos, seis pós-graduandos e uma docente). Até agosto de 2025, o projeto contou, ao total, com doze membros sendo seis discentes da pós-graduação, cinco da graduação e uma docente. A composição do grupo também reforça o ponto positivo do projeto, que é permitir a interlocução da graduação com a pós-graduação, fazendo com que os estudantes em ambas etapas de formação articulem seus saberes e experiências de forma colaborativa e horizontalizada.

Apesar desse aspecto positivo, Marilena e Ana Carolina destacam a dificuldade de atrair estudantes de graduação, principalmente ao considerar que as vagas disponibilizadas são para atuação voluntária. Somente uma estudante de graduação possui uma bolsa de extensão, destinada a grupo vulnerável, desde janeiro de 2024, dedicando-se ao projeto durante 12 horas semanais. Acredita-se que a lógica individualista e as supostas demandas de mercado orientam as decisões dos graduandos, que veem a proposta da Feira de Trocas como algo muito distante de suas referências, tornando difícil conseguir a aderência de novos voluntários.

Entretanto, Ana Carolina reforça que o projeto se configura como um rompimento com aspectos produtivistas e possibilita a validação das relações horizontais e de cooperação na formação:

A Feira começou com os alunos da pós-graduação, e eu acho que isso de surgir com os alunos da pós-graduação foi algo muito positivo, porque eu acho que é de consenso entre os alunos da pós-graduação que ela fomenta um ambiente muito produtivista, competitivo, então eu acho que este momento de pensar a Feira, e de pensar em algo solidário, horizontal e de cooperação, eu acho que foi incrível, é uma experiência que se mais pessoas tivessem isso, *poderia mudar a chavinha em muita gente. Essa experiência permite que as pessoas vejam que a gente faz, constrói as coisas em conjunto, em comunidade, em cooperação, em solidariedade...e fazer dessa forma torna o processo muito mais leve e faz a gente ver por outras perspectivas também, para o conhecimento científico, o resultado que a gente pode levar para a academia, além de um paper, além de um artigo escrito.* (Ana Carolina, grifo do autor)

O relato de Ana Carolina informa sobre as possibilidades de aprendizado na pós-graduação para além da pesquisa, dando mais sentido à experiência de formação e evitando que a produção acadêmica seja um fim em si (Alcadipani, 2011; Carvalho; Vieira, 2003). O projeto, de forma prática, estimula o potencial crítico dos participantes (sejam eles internos ou externos à academia) (Gonçalves, 2024).

As narrativas dos pós-graduandos sobre o projeto como atividade vinculada a uma disciplina apontam as possibilidades da extensão, vinculada ao pilar ensino (Separovic; Passarin, 2017). Os impactos positivos sobre os estudantes também se refletem na permanência desses no projeto, mesmo após o encerramento da disciplina:

[...] pela qualidade que foi entregue, assim gerou um impacto positivo que agradou os envolvidos, que fez com que tanto a professora quanto os alunos, que ainda permaneciam na pós-graduação, dessem continuidade no projeto. (Genauto)

A segunda Feira de Trocas aconteceu no dia 26 de outubro de 2023, também no Centro de Cultura, com o tema “Você tem fome de quê?”. A roda de conversa teve a participação de convidados ligados a um coletivo de agroecologia local e o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável do município, além de professores e alunos do Departamento de Nutrição da instituição de ensino. O evento contou com a atração musical de uma banda (formada por músicos independentes, estudantes da universidade, que se organizaram exclusivamente para se apresentarem na Feira de Trocas). Cerca de sessenta pessoas com perfis diversos participaram do evento. A partir da avaliação da primeira Feira, na segunda edição foi implementado um questionário para conhecer melhor os

participantes e levantar demandas em relação à interlocução da universidade com a sociedade.

Genauto relata que a diferença da primeira Feira com a segunda refere-se, principalmente, à quantidade de tempo para o planejamento e execução:

A Feira hoje começa com o planejamento que vai desde o início do ano, ela é feita de forma bem mais cautelosa, tem mais tempo para trabalhar, por outro lado, naquela época, a Feira foi feita desde o zero até a entrega final...foi feita ali com um, dois meses de antecedência, mais ou menos [...]. (Genauto)

A necessidade de tempo para planejamento, demandada pelos participantes e incorporada à Feira, também vai na contramão das pressões produtivistas da pós-graduação. Os participantes identificaram a necessidade de mais tempo para dialogarem entre si, se aproximarem das demandas da comunidade e planejarem as ações. Marilena e Ana Carolina relatam que, ao longo do planejamento e ao final da Feira, além da destinação dos materiais que não foram trocados, surgiu uma preocupação em relação à interlocução com possíveis parceiros.

Na segunda edição da Feira, uma primeira demanda foi identificada: o Banco de Alimentos do município estava com baixos estoques (geralmente constituídos por doações). Em vista disso, após a realização da Feira de 2023, o grupo organizou uma campanha de arrecadação de alimentos não perecíveis. Foram arrecadados 111,8 kg de alimentos e o trabalho do Banco de Alimentos foi divulgado na comunidade.

Em março de 2024, como relatado por Marilena, com o sucesso da segunda Feira e com o desejo de alguns membros de darem continuidade ao projeto, houve um novo processo de seleção com a entrada de sete novos membros, sendo a maioria dos ingressantes alunos da pós-graduação. Em maio de 2024, iniciou-se o processo de planejamento da terceira edição da Feira de Trocas, que foi realizada no dia 19 de outubro de 2024, com o tema “Quem Cuida de Quem Cuida?”.

Diferentemente da primeira e da segunda, a terceira edição ocorreu na Casa da Cultura do município, onde está localizado a universidade, mediante apoio da prefeitura. A Casa da Cultura é um espaço público voltado para atividades e eventos comunitários. Para além do momento de trocas, ocorreu uma roda de conversa com convidadas que pesquisam e trabalham em funções vinculadas ao tema do cuidado na comunidade. O momento cultural contou com apresentações de saxofone e banda musical, feitas por artistas locais que abrilhantaram o evento. Foi criado um espaço recreativo que assegurou às crianças momentos de brincadeira

com segurança e autonomia, possibilitando aos responsáveis pelo cuidado a participação. Cerca de cinquenta pessoas participaram e, conforme uma pesquisa de satisfação aplicada após o evento, elas avaliaram positivamente a Feira, sugerindo temas de discussão e melhorias para as edições futuras.

No momento em que este trabalho é redigido, os integrantes planejam a organização da quarta edição da Feira de Trocas. Com previsão de acontecer em agosto de 2025, o tema deste ano será: “Salvar o clima é cultivar o futuro”, promovendo discussões sobre as mudanças climáticas e alternativas coletivas para a convivência e conservação do clima e da natureza. A edição contará com a participação de representantes da sociedade civil comprometidos com ações que dialogam com o tema, e com representantes do poder público municipal, responsáveis por ações de mitigação de impactos negativos oriundos das mudanças climáticas.

Em síntese, as discussões apresentadas demonstram como o projeto favorece ao propósito de que a universidade cumpra com o seu papel social (Moita; Andrade, 2009). Paralelamente, ao engajar-se em ações extensionistas, os participantes do projeto, para além do aprendizado teórico e da produção de pesquisa, tiveram a oportunidade de contribuir com as demandas sociais apresentadas pela própria comunidade local (Separovic; Passarin, 2017).

Considerações finais

O presente trabalho buscou caracterizar a construção do projeto de extensão Feira de Trocas, discutindo sua contribuição para a formação de pós-graduandos por meio das lentes da decolonialidade do saber. Os relatos dos informantes que participaram desde o início do projeto apontam que a Feira auxilia na formação dos pós-graduandos, alinhando-se às atividades de ensino, trazendo uma experiência concreta com pessoas e demandas da comunidade, e subvertendo a lógica individualista e produtivista, características presentes na pós-graduação.

Apesar de atividades de extensão possuírem menor relevância para os parâmetros de avaliação dos pós-graduandos, eles permaneceram por mais de uma edição como voluntários no projeto. Além disso, a experiência adquirida possibilitou construir referências para iniciativas que possam ser “mais leves” e prazerosas, como destacam alguns informantes.

Ao materializar a experiência do projeto no presente trabalho, ressalta-se que, além da articulação entre ensino-extensão apresentada, buscou-se concretizar suas articulações com a pesquisa que, por sua vez, podem inspirar outras

propostas, ideias de atividades de ensino e extensão. Concretamente, a construção deste trabalho servirá como subsídio para aprimorar o projeto.

O projeto Feira de Trocas pode ser considerado uma forma de enfrentamento à colonialidade do saber, ao constituir-se como uma fissura na estrutura individualista, produtivista e distanciada da sociedade, além de possibilitar a construção de pontes entre ensino, pesquisa e extensão. Espera-se que este trabalho possa servir como inspiração para a ampliação do debate a respeito da indissociabilidade entre os pilares, principalmente no que tange a formação da extensão na pós-graduação.

Junto a isso, acredita-se no potencial do trabalho de colaborar com pesquisas futuras interessadas em discutir os desafios e lacunas na formação discente relacionada a indissociabilidade entre os pilares da universidade, tendo o projeto Feira de Trocas como uma experiência que contraria aspectos da colonialidade por meio de uma formação extensionista que possui impacto para uma formação crítica, reflexiva e dialógica com a comunidade.

O trabalho tem como limitação o foco exclusivo nas narrativas dos precursores do projeto. A perspectiva de demais membros e participantes da comunidade externa possibilitaria uma compreensão mais ampla sobre potenciais e limites da Feira de Trocas, podendo ser investigada em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação Acadêmica. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1174–1178, 2011.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512011000400015>.
- ALMEIDA-FILHO, N. Resgate histórico da educação superior no Brasil: casos-índice de colonialidade na universidade. *Universidades*, [s. l.], v. 75, n. 100, p. 20-41, 2024.
Disponível em: <https://doi.org/10.36889/udual.universidades.2019.82.57>. Acesso em: 14 maio 2024.
- AMARAL, I. G.; NAVES, F. O enfrentamento das opressões de gênero numa universidade pública: o papel dos coletivos na ótica do feminismo decolonial. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 151-184, 2020.
DOI: <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2020.v7n1.305>.
- ASSIS, R. M.; BONIFÁCIO, N. A. A formação docente na universidade: ensino, pesquisa e extensão. *Educação e fronteiras*, Dourados, v. 1, n. 3, p. 36-50, 2011.
Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/1515>. Acesso em: 26 maio 2024.
- BARRETO, A. L.; FILGUEIRAS, A. L. Origens da universidade brasileira. *Química Nova*, Campinas, v. 30, n. 7, p. 1780-1790, 2007.
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/rzxmW6ggvDDvXJYLBFkg38m/>. Acesso em: 15 maio 2024.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituciao/constituicao.htm. Acesso em: 14 maio 2024.

BRASIL. *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências*. Ministério da Educação: Brasília, DF, 2014.

Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 14 jun. 2024.

BISPO, M de S. Contradições na pós-graduação em administração brasileira. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, Campo Largo, v. 19, n. 2, p. 169-180, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.21529/RECADM.2020007>.

BRITO, L. M.; SANTOS, G. G. Colonialidade do saber e universidade no Brasil: a necessária promoção da justiça cognitiva. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EPISTEMOLOGIAS DO SUL, 2., 2017, Foz do Iguaçu. *Anais* [...]. Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2018. p. 106-112.

CACIATORI, E. G.; FAGUNDES, L. M. A colonialidade do poder e a dependência do estado latino americano: elementos para refletir a condição periférica regional. *Revista Culturas Jurídicas*, Niterói, v. 5, n. 12, p. 87-109, 2018.

Disponível em: <https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/article/view/45144>. Acesso em: 18 jun. 2024

CARVALHO, C. A.; VIEIRA, M. M. F. Algo está podre no reino da Dinamarca. *Revista Organização & Sociedade*, [s. l.], v. 10, n. 26, p. 185-187, 2003.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10688>. Acesso em: 12 jul. 2024.

CHAUÍ, M. A universidade operacional. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas; Sorocaba, v. 4, n. 3, 1999.

Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/1063>. Acesso em: 23 jun. 2024.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. *CAPES divulga diretrizes para o ciclo avaliativo 2025-2028*. 2025.

Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/capes-divulga-diretrizes-para-o-ciclo-avaliativo-2025-2028>. Acesso em: 05 jun. 2025.

CUNLiffe, A. L. Reflexividade no ensino e pesquisa de Estudos Organizacionais. *Revista de Administração de Empresas*, [s. l.], v. 60, n. 1, jan.-fev. 2020.

DOI: <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200108>.

DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

GADOTTI, M. Extensão Universitária: Para quê? São Paulo: *Instituto Paulo Freire*. 2017.

Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 28 maio 2024.

GONÇALVES, E. C. B. *Transformação social: caminhos*. Rio de Janeiro: Edição dos Autores, 85 p, 2024.

GROSFOGUEL, R. Descolonizando los Universalismos Occidentales: El Pluri-Versalismo Transmundo Decolonial desde Aimé Césaire hasta los Zapatistas. In: CASTRO-GÓMEZ, S., GROSFOGUEL, R. (org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 61-77, 2007.

JIMENEZ, M. O. et al. A extensão e a universidade brasileira: do estatuto das universidades até a curricularização da extensão. *Educação: Teoria e Prática*, [S. l.], v. 33, n. 66, 2023.

Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/15304>.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2025.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo decolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, p. 935-952, 2014.

Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/ref/a/QtnBjLG4XvssnDF6FHlqnzb>. Acesso em: 08 ago. 2024.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, p. 127-167, 2007.

Disponível em: <https://ram-wan.net/restrepo/decolonial/17-maldonado-colonialidad%20del%20ser.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2024.

MAYORGA, C. Reflexões sobre a integralização da extensão nos currículos de graduação. *Interfaces – Revista de Extensão da UFMG*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, 2021.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/37719>. Acesso em: 02 jul. 2024.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista brasileira de ciências sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017a.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2024.

MIGNOLO, W. D. Desafios decoloniais hoje. *Revista Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017b.

Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em: 23 jun. 2024.

MOITA, F. M. G.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, 2009.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gmGjD689HxfJhy5bgykz6qr/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

MOREIRA, T. L.; MAFRA, F. L. N. Descolonização do saber e a complexidade sociopolítica das universidades públicas brasileiras. In: *XLVII Encontro da ANPAD – EnANPAD 2023*. São Paulo.

DOI: <https://doi.org/10.21714/2177-2576>.

NUNES, F. G. Desafios da pós-graduação: articulação entre ensino, pesquisa e extensão e diálogo com outras formas de produção do conhecimento. *Atos de Pesquisa em Educação*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 23-35, 2017.

Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/6070>. Acesso em: 03 ago. 2024.

NUNES, A. L. de P. F.; SILVA, M. B. da C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. *Mal-estar e Sociedade*, Barbacena, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011.

Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/gtict-malestar/article/view/60>. Acesso em: 28 jun. 2024.

PEREIRA, E. B.; EUGÊNIO, B. G. Narrativas de formação: potencialidades e possibilidade para a pesquisa em educação. *e-Mosaicos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 18, 2019.

DOI: <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2019.41983>.

PIMENTEL, S. K.; MENEZES, P. D. R. de. A Teia dos Povos e a universidade: agroecologia, saberes tradicionais insurgentes e descolonização epistêmica. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 25, 2022.

DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc20200094r1vu2022L1AO>.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. *Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públcas de Educação Superior*. Manaus, 2012.

Disponível em: <http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2024.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Apresentação da edição em português. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Coleção Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Disponível em: <https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ciC3AAncias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú indígena*, Lima, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quipano.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 02 jun. 2024.

SÁ, M. et al. De onde viemos, para onde vamos? Autocrítica coletiva e horizontes desejáveis aos Estudos Organizacionais no Brasil. *RAE*, v. 60, n. 2, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200209>.

SANTOS, B. S. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. Cortez: São Paulo, 2004.

SANTOS, C. M.; BIANCALANA, G. R. Autoetnografia: um caminho metodológico para artes performativas. *Revista Aspas*, São Paulo, v. 7, n. 2, 2017.

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v7i2p53-63>.

SILVEIRA, H. E.; Ferreira, O. A. Extensão na pós-graduação: avanços necessários para o desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil. In *Extensão*, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 1-22, 2024.

DOI: <https://doi.org/10.14393/REE-v23n12024-73722>.

SLEUTJES, M. H. S. Refletindo sobre os três pilares de sustentação das universidades: ensino-pesquisa-extensão. *RAP*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, 1999.

Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/7639>. Acesso em: 27 maio 2024.

SEPAROVIC, L.; PASSARIN, P. Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão: Definições e Conceitos. A USP no Ensino, na Pesquisa e na Extensão (Conhecendo a USP e o que a Universidade Oferece aos Alunos, Pesquisadores e Comunidade Externa). *E-disciplinas Usp*, 2017.

Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4097657/mod_resource/cont_ent/1/Tema%201.pdf. Acesso em: 08 jun. 2024.

SEGATO, R. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SZLECHTER, D. et al. Estudios Organizacionales en América Latina: hacia una agenda de investigación. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, [S. l.], v. 60, n. 2, p. 84-92, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200202>.

ANDRADE, L. M. S. de. et al. (org.).*Catálogo I Encontro Nacional sobre a extensão na Pós-graduação e assessoria técnica para a produção do habitat mais saudável, resiliente e solidário no campo e na cidade: residências acadêmicas, cursos de especialização e grupos de pesquisa e extensão*. Brasília, DF: LaSUS FAU: Editora Universidade de Brasília, 2023.

Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/445>. Acesso em: 20 jul. 2024.

VALÊNCIO, N. F. L. S. A indissociabilidade entre Ensino/Pesquisa/Extensão: verdades e mentiras sobre o pensar e o fazer da universidade Pública no Brasil. *Revista Proposta*, Rio de Janeiro, n. 83, 2000.

WALSH, C.. Shifting the Geopolitics of Critical Knowledge: decolonial thought and cultural studies others'in the Andes. *Cultural Studies*, London, v. 21, n. 2-3, p. 224-239, 2007.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09502380601162530>. Acesso em: 28 jul. 2024.

ZACCARELLI, L. M.; Godoy, A. S. Deixa eu te contar uma coisa...: Possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações. *Revista Gestão Organizacional*, Chapecó, v. 6, n. 3, 2013.

DOI: <https://doi.org/10.22277/rgo.v6i3.1521>.

◆ VOL. 13, 2025, ISSN:2318-2326. PUBLICAÇÃO CONTÍNUA.

Todos os textos publicados na Interfaces - Revista de Extensão da UFMG são regidos por licença Creative Commons CC By.

A Interfaces convida pesquisadoras e pesquisadores envolvidos em pesquisas, projetos e ações extensionistas a submeterem artigos e relatos de experiência para os próximos números.

Os textos deverão ser enviados através do nosso endereço na web. No site estão disponíveis as normas para publicação e outras informações sobre o projeto. Vale ressaltar que os autores poderão acompanhar todo o processo de submissão do material enviado através desse site e que o recebimento de submissões possui fluxo contínuo.

www.ufmg.br/revistainterfaces
Contato: revistainterfaces@proex.ufmg.br